

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO - CCHB
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Thais Helena Prini

Performance e formação de professores: troco doces por doces sonhos

SOROCABA
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO - CCHB
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

THAIS HELENA PRINI

Performance e formação de professores: troco doces por doces sonhos

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE), da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientação: Prof^a. Dr^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

SOROCABA
2017

Prini, Thais Helena

Performance e formação de professores: troco doces por doces sonhos / Thais Helena Prini -- 2017.
54f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Lucia Maria Salgado dos Santos
Lombardi

Banca Examinadora: Tania Cristina dos Santos Boy,
Thiago de Castro Leite

Bibliografia

1. Performance. 2. Formação de professores. 3.
Educação infantil. I. Prini, Thais Helena. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

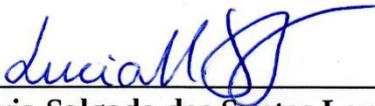
FOLHA DE APROVAÇÃO

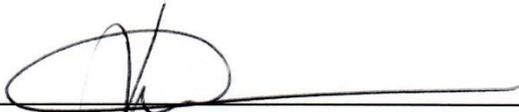
THAÍS HELENA PRINI

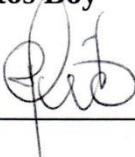
**“PERFORMANCE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: TROCO DOCE POR
DOCES SONHOS”**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciado no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da
Universidade Federal de São Carlos *Campus* de Sorocaba.**

Sorocaba, 20 de dezembro de 2017.

Orientador(a): 
Profa. Dra. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Examinador(a): 
Profa. Dra. Tania Cristina dos Santos Boy

Examinador(a): 
Prof. Me. Thiago de Castro Leite

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, porque sem eles, não chegaria até aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por me ajudar a suportar cada desafio e deslize durante a graduação, me mantendo firme nesta caminhada.

Aos meus pais, Zezé e Adim, que não pouparam esforços para me ver feliz e bem, apoiando minhas escolhas e ajudando mesmo quando não pedia.

Aos meus irmãos Duda e Mama, que apesar dos conflitos entre irmãos, sempre moveram montanhas quando precisei.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a. Lucia Lombardi, pela paciência, compreensão, apoio, inspirações e principalmente pelo exemplo de professora-pesquisadora-artista-guerreira.

As minhas amigas de graduação Damaris, Flavinha, Mari Neves, Mari Kozyreff, Gabi Bueno e Isabele, pelo companheirismo em todos os momentos, principalmente nos perrengues, pela sinceridade e amizade, que levarei comigo pelo resto da vida.

A minha amiga Juliana pelas conversas inspiradoras e por ser luz em meu caminho.

Aos membros do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE) da Universidade Federal de São Carlos, ao qual pertenço desde março de 2015, pelo intercâmbio e troca de conhecimentos no que diz respeito aos estudos sobre as artes na Educação Infantil, as crianças e suas múltiplas infâncias.

E aos membros da Banca de Defesa, Tania Cristina dos Santos Boy e Thiago de Castro Leite, pela generosidade em contribuir para com este estudo.

RESUMO

PRINI, Thais Helena. Performance e formação de professores: troco doces por doces sonhos. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2017.

O presente trabalho nasceu do sonho de construir uma Educação Infantil que respeite as necessidades das crianças pequenas de mover, brincar, criar, reinventar e se expressar de forma criativa. Inspirada por uma exposição de arte contemporânea, pelas aulas de Arte e de Movimento do curso de Pedagogia, a questão-problema da pesquisa – “a arte da performance pode contribuir com a formação de professores(as) de crianças pequenas? Se sim, de quais formas?” – gerou o objetivo de compreender quais contribuições pode ter a arte contemporânea, especialmente a arte da performance, para a formação de professores(as) da Educação Infantil. Definidos o problema de pesquisa e o objetivo principal, a metodologia configurou-se como pesquisa da prática artística (pesquisa *em* ou *através* das artes) associada à pesquisa bibliográfica. A abordagem metodológica mista tornou mais significativo o processo de pesquisa que realizou e analisou experiências de performances realizadas pela autora de 2014 a 2017, inspiradas na performance “Troco Sonhos” da artista Ana Teixeira.

Palavras-chave: Performance. Formação de professores. Pedagogia. Educação infantil. Arte.

ABSTRACT

PRINI, Thais Helena. Performance and teacher education: I exchange sweets for sweet dreams. 2017. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2017.

This work was born from the dream of building an Early Childhood Education that respects the needs of young children to move, play, create, reinvent and express themselves creatively. Inspired by a contemporary art exhibition, by the Art and Movement classes of the Pedagogy course, the research question – “can performance art contribute to the education of teachers of young children? If so, in what ways?” – generated the objective of understanding what contributions contemporary art can have, especially performance art, for the education of Early Childhood Education teachers. Having defined the research problem and the main objective, the methodology was configured as research into artistic practice (research in or through the arts) associated with bibliographic research. The mixed methodological approach made the research process and analyzed experiences of performances carried out by the author from 2014 to 2017, inspired by the performance “Troco Sonhos” by artist Ana Teixeira, more significant.

Keywords: Performance. Teacher education. Pedagogy. Early childhood education. Art.

Sumário

1. Introdução: o que podem as frestas.....	10
2. Capítulo I. Metodologia: Revelando os caminhos que percorridos.....	15
2.1. Memorial: as artes na minha formação como professora de crianças.....	15
2.2. Metodologia: pesquisa da prática artística.....	18
3. Capítulo II. Quadro Teórico sobre a arte da performance.....	24
4. Capítulo III. Descrição e análise dos dados.....	29
4.1 A formação de professores(as) em que acredito.....	29
4.2. Preparação da Performance.....	31
4.3 Descrevendo as performances.....	32
4.3.1 Primeira Reperformance.....	32
4.3.2 Segunda Reperformance	34
4.3.3 Terceira Reperformance.....	36
4.3.4 Quarta Reperformance.....	38
4.4. Perspectiva geral das intervenções: pontos semelhantes e pontos distantes.....	40
4.5 Cruzamentos entre a arte da performance e a docência na Educação Infantil ...	45
5. Considerações Finais	49
6. Referências bibliográficas	51
7. APÊNDICE A	54

1. Introdução: o que podem as frestas.

Entre 23 de outubro de 2014 e 3 de maio de 2015 foi realizada no Serviço Social do Comércio (SESC) de Sorocaba, S.P.,¹ a primeira edição da exposição “FRESTAS - Trienal de Artes” (<https://frestas2014.sescsp.org.br/index.html>). Com curadoria geral de Josué Mattos, este projeto transdisciplinar com foco nas artes visuais ocupou diferentes lugares da cidade, como o SESC Sorocaba, o salão do Palacete Scarpa, o Museu da Estrada de Ferro Sorocabana, o Barracão Cultural e uma loja no Pátio Cianê Shopping, com espetáculos de teatro, intervenções musicais e performances de artistas de diferentes partes do mundo.

“*O que seria do mundo sem as coisas que não existem?*” foi a pergunta/interrogação/provocação que deu direção ao projeto curatorial, propondo um vislumbre quanto “à potência da arte como ferramenta capaz de modificar o estado das coisas, considerando o impossível, o improvável e o inexistente como pontos de partida e não como obstáculos”. Tais palavras, constantes do texto que apresenta a programação da Trienal² fala, dentre outros aspectos, sobre a necessidade humana de participar da invenção ou da ressignificação da vida e, a questão que norteou a curadoria pretendia ser um convite a pensar sobre ideias relativas à descoberta, à experiência, à invenção e à transformação do mundo e do indivíduo. A presente pesquisa, provocada pela exposição de arte, nasceu do aceite a este convite para buscar descobrir outros modos de transformar a existência – e, de modo mais específico, meu lugar de atuação, a Educação Infantil.

Fizemos diversas visitas à FRESTAS³, nas quais pude conhecer os trabalhos da artista Ana Teixeira (1957, Caçapava / São Paulo, Brasil), que além de participar com uma intervenção nas boias da piscina do SESC (Em contato, 2014), realizou a intervenção denominada “Troco Sonhos” (<https://www.anateixeira.com/trabalhos/troco-sonhos/>), a qual realizou em diversas cidades do mundo entre 1998 a 2007. A ação consiste em uma banca de camelôs, montada em espaços de passagem, na qual a artista dispõe uma bandeja com dezenas de sonhos – pequenos

¹ O Serviço Social do Comércio (SESC) é uma entidade privada criada em 1946 que tem como objetivo proporcionar o bem-estar e a qualidade de vida a trabalhadores(as) do comércio e suas famílias. Até o momento de finalização deste trabalho, o SESC conta com 43 unidades no estado de São Paulo destinadas à cultura, ao esporte, à saúde e à alimentação, ao desenvolvimento infantojuvenil, à terceira idade, ao turismo social e outras áreas de atuação. Acesso à unidade Sorocaba em: <https://www.sescsp.org.br/unidades/sorocaba/>

² Acesso em: <https://frestas2014.sescsp.org.br/calend%C3%A1rio/o-que-seria-do-mundo-sem-as-coisas-que-n%C3%A3o-existem.html>

³ A orientadora deste trabalho levou dois grupos de docentes e estudantes da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba ao FRESTAS – Trienal de Artes em dezembro de 2014 com apoio da sra. Cláudia de Figueiredo, Gerente do SESC Sorocaba, e eu frequentei a exposição também em outras ocasiões.

bolos recheados – e aos transeuntes, sugeria que trocassem sonhos com ela: eles levavam o doce e lhe contavam um sonho.



Figura 1: Ana Teixeira em “Troco sonhos” | *Exchanging Dreams*. Fonte: <https://www.anateixeira.com/trabalhos/troco-sonhos/>

Após o primeiro contato com seu trabalho, busquei conhecer mais sobre a artista e conheci sua outra ação urbana chamada “Escuto histórias de amor”, feita em diversos países entre os anos de 2005 e 2013. Procurando aprender mais e posteriormente participando da aula sobre performance e intervenção urbana ministrada na disciplina “Metodologia do Ensino de Arte” no curso de Pedagogia, descobri a artista performática Marina Abramovic (Belgrado, Sérvia, 30/11/1946) por quem me encantei, principalmente por sua performance “*The artist is present*” realizada no MoMA - *The Museum Of Modern Art*, em Nova Iorque (EUA).⁴

Comparando as histórias, caminhos e inspirações despertadas, penso que as duas artistas não poderiam ser mais diferentes. Marina é uma artista performática que lutou pelo reconhecimento de sua área e passou a ser considerada a mãe da performance. Ana Teixeira é uma artista visual que parece não se importar com definições de que seja uma artista da performance, mas sim, cria interações que provoquem as pessoas com perguntas sobre elas mesmas que talvez elas nunca se fizessem, sendo a arte uma forma de “produzir desconhecimento”.

⁴ Acesso em: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/964>

As intervenções de Ana Teixeira chamaram minha atenção e passei a imaginar encontrá-la em algum espaço público, indagando sobre como seria minha reação. Eu iria parar? Eu me interessaria por sua ação? Ela me chamaria atenção? Eu teria algum sonho ou história de amor para compartilhar?

Refletindo sobre isso, percebi que se talvez eu não me interessasse, não parasse, não compartilhasse algo com ela, seria porque estou vivendo no ritmo acelerado, imposto pela sociedade, que não abre margens para que possamos respirar calmamente, nos observar, nos respeitar, viver sem estresse e doenças. Estamos sempre exaustos(as) e sem paciência. Não reservamos um minuto sequer do nosso dia para pensar em nossos sonhos ou pensar em forma de sonho. Aparentemente somos permitidos(as) sonhar até determinada idade – eu pude sonhar até os dezesseis anos... – e após esse período devemos focar em construir um futuro concreto e não planejar aquilo que nossos sonhos almejam. Como afirma Ana Teixeira em entrevista a Davi Giordano:

Vivemos um tempo de incertezas, de grande virtualidade, de anestesia, de individualismo exacerbado, de (sempre bem-vindas) dúvidas, de comunicação mais rápida, mais abrangente e (perigosamente) mais superficial e efêmera. Esse tempo rápido, exigente e estafante, tem suas benesses e seus desconfortos como qualquer outro. É conversando com seu tempo que a arte se torna mais potente e pode provocar a pensar, pode gerar incômodo e pode ser também uma espécie de lente que instigue as pessoas a se verem (e a verem seu entorno) a partir de outro lugar, questionando-se e revendo as premissas que as estruturam. (GIORDANO, 2016, np)

A universidade muito se assemelha ao ensino básico no sentido de que em ambos há o currículo oculto. Este currículo, segundo Ribeiro (2004), abrange todas as regras existentes no interior da instituição que não precisam ser ditas, elas são impostas de forma subjetiva, como não gritar, não correr, não fazer barulho, se dedicar às matérias, às provas e terminar o curso o mais rápido possível, para que assim consiga trabalhar. Não é preciso deixá-las evidentes, elas são subentendidas pelos sujeitos, todos as compreendem e as seguem de forma inconsciente.

Inspirada pelas ações performáticas que pude conhecer em uma exposição de arte e nas aulas de Arte⁵ e de Movimento do curso de Pedagogia, bem como sonhando em construir uma educação que respeite as necessidades das crianças de mover, brincar, criar, reinventar e se expressar de forma criativa, surgiu a questão problema deste trabalho, que é: “a arte da performance pode contribuir com a formação de professores(as) de crianças pequenas? Se sim,

⁵ A palavra Arte com inicial maiúscula é usada neste trabalho para se referir à Arte enquanto disciplina /componente curricular da educação básica e do ensino superior, voltado para o estudo das quatro linguagens artísticas – Teatro, Artes Visuais, Dança e Música.

de quais formas?”. O objetivo principal da pesquisa foi compreender quais contribuições a arte contemporânea, especialmente a arte da performance, pode ter para a formação de professores(as) da Educação Infantil.

Como afirma Malheiros (2011, p. 81), “Ao formular um problema de pesquisa já é preciso vislumbrar o método que será selecionado. É o problema que define qual será o método, não o contrário”. Sendo assim, como procedimento de construção de dados da pesquisa, foi decidido realizar reperformances da ação performática urbana de Ana Teixeira “Troco sonhos”.

Realizou-se, assim, uma pesquisa cuja prática artística é o eixo e principal da metodologia utilizada – associada à pesquisa bibliográfica. As práticas de performance foram concebidas e realizadas com objetivo de descobrir quais relações existem entre essa arte e a formação de docentes da Educação Infantil. A arte, neste trabalho, é ao mesmo tempo método, metodologia e agente de construção de saberes docentes.

Realizei quatro reperformances anualmente entre 2014 a 2017, todas dentro do *campus* universitário, com o desejo de estudar com mais profundidade as relações estabelecidas entre a arte da performance e a formação docente, compreendendo quais são as contribuições dessa experiência artística para o papel da professora de crianças no mundo contemporâneo.

Reperformance, pois, segundo Christina Fornaciari (2010) que utiliza o termo de renascimento da performance para a reperformance de artistas, essa atuação não se define por repetições de ações que já foram feitas, mas em reinterpretá-las, no sentido de atualizá-las para o ambiente em que se realizara a reperformance, tornando-as mais presente.

Ao mesmo tempo, conforme menciona Denise Pereira Rachel (2013), a reperformance se aproxima de práticas disseminadas pela arte contemporânea, como a *apropriação* e a *assimilação* e discute o antigo entendimento romântico de arte que valorizava o artista como gênio criador de obras originais, as quais possuem uma aura especial e jamais poderão ser reproduzidas.

Vale ressaltar que a minha participação desde março de 2015 no Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE) ⁶contribuiu para o despertar do meu olhar para a grande importância que as linguagens artísticas têm nos processos educativos das crianças pequenas. Pude compreender que as artes nos convidam a perceber sutilezas contidas nos gestos cotidianos, nas materialidades que usamos na creche, nos

⁶ O Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) do Brasil constitui-se no inventário dos grupos de pesquisa científica e tecnológica certificados pelo CNPq que estão em atividade no Brasil. O endereço para acessar o espelho do GIAPE no DGP é: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3033192032065788

elementos da natureza, nos ritmos das crianças pequenas, solicitando que sejamos capazes e planejar práticas pedagógicas *para e com* as crianças que sejam significativas para elas.

E, evidentemente, se as linguagens artísticas do Teatro, da Dança, das Artes Visuais, da Música são importantes para as crianças e precisam estar presentes nas ações pedagógicas cotidianas da creche, também precisam fazer parte do curso de formação de profissionais da Educação Infantil, que no caso do Brasil, é o curso de Licenciatura em Pedagogia.

Inserido nos contextos do curso de Pedagogia e do GIAPE, grupo de pesquisa que investiga as relações entre a educação das infâncias, as artes e a formação docente, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se estrutura da seguinte maneira: após a Introdução, o primeiro capítulo consiste na descrição da Metodologia, revelando os caminhos que percorri para construir a investigação. A metodologia é definida como pesquisa *em* ou *através* das artes, ou ainda como pesquisa da prática artística na formação de profissionais da Educação Infantil. No campo da Arte se compreende que para se pesquisar sobre as linguagens artísticas é preciso praticá-las. É por esta razão que o capítulo de Metodologia começa com um Memorial, que fala do quanto as artes estiveram e são presentes em minha vida, em minha formação docente e, por isso, o quanto valorizo as artes e o brincar na educação de crianças.

O Capítulo II, denominado “Quadro Teórico sobre a arte da performance” apresenta o quadro teórico, contendo um histórico sobre a performance e a intervenção urbana.

O Capítulo III, denominado “Descrição e análise dos dados”, apresenta o exercício de descrever as ações artísticas realizadas no *campus* universitário no período de 2014 a 2017, rememorar os fatos mais significativos que ocorreram durante as performances, revendo minha própria jornada e aprofundando a reflexão sobre elas. Antes de descrever e analisar as performances, apresento um trecho que trata da concepção de formação docente na qual acredito.

O trabalho é finalizado com as Conclusões e as Referências Bibliográficas.

2. Capítulo I. Metodologia: Revelando os caminhos que percorridos.

Comecei a me compreender enquanto pesquisadora no curso de Licenciatura em Pedagogia. Nesta etapa da formação docente o(a) futuro(a) profissional aprende a fazer do seu campo de trabalho um espaço de pesquisa constante, assumindo atitude de inquietação frente à realidade, sempre com desejo de transformá-la para melhor.

Meu interesse especial pelo tema em questão e as indagações que me moveram no caminho de construção da presente pesquisa, apontaram para uma necessidade de construir um breve relato sobre a minha jornada, naquilo que as minhas experiências com as artes me levaram a refletir sobre o objeto de estudo, que é como uma determinada modalidade de arte contemporânea pode gerar saberes sobre a docência com crianças.

Pensar sobre a metodologia significou pensar sobre mim mesma e meu processo de formação como professora de crianças. Neste sentido, o memorial a seguir faz parte da metodologia da pesquisa, pois refletir sobre os caminhos que percorri até o momento presente em que estudo sobre as formas de aprender e ensinar, remetem ao pressuposto de que estamos sempre nos formando, como diria Paulo Freire (1970), em comunhão com o outro.

2.1 Memorial: as artes na minha formação como professora de crianças

Sou a filha mais nova entre três irmãos, nasci em Itapeva-SP em abril de 1995 e desde muito nova tive contato com o sistema educacional por ser filha de uma Pedagoga.

Minha primeira escola chamada Natureza-Viva era uma escola de campo, entrei com um ano e meio e permaneci até os cinco anos. Posso dizer que mesmo tão nova, são as melhores recordações que tenho da escola. Lembro-me das atividades que realizamos: peças de teatro, alimentar animais, aulas de pintura, dança, informática, brincadeiras com bexiga e tantas outras.

Para cuidar dos animais, havia um revezamento: cada dia erámos responsável por de dois animais diferentes, no período da manhã e da tarde. Havia diversos animais, meus preferidos eram os coelhos, as tartarugas, as vacas e os peixinhos. Quando era dia de cuidar das vacas, ao chegar à escola, íamos tirar leite, para tomar no café da manhã.

Cada sala continha seu próprio jardim e horta. Quando nossos alimentos cresciam, colhíamos e fazíamos sopa ou salada, na aula de culinária. Tínhamos também sala de informática e sala de dança. Nas aulas de teatro todos os estudantes podiam utilizar fantasias, criávamos ou recriávamos algumas histórias de contos infantis e apresentávamos aos nossos pais na saída da aula.

Em 2000, meu pai foi transferido do serviço e fomos morar em Tatuí-SP, onde vivemos até hoje. Com seis anos entrei em uma escola privada, onde completei o Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e II, e o Ensino Médio.

Esta instituição de ensino era muito tradicional, não oferecia aulas corporais ou de vivências sem serem em sala de aula. Seis meses após iniciar o Ensino Infantil, comecei a fazer aulas de dança particulares.

Mas o principal motivo para iniciar as aulas de dança foi pela minha hiperatividade, déficit de atenção e uma leve curvatura na lombar. Para eu não precisar de medicação ou algum equipamento para corrigir a postura, meus pais optaram em tentar uma opção que obrigatoriamente eu precisasse de disciplina, atenção e autonomia. Por esse motivo, iniciei as aulas de *ballet* clássico. Como era de se esperar, no início foi muito difícil me enquadrar nos padrões desejados para uma bailarina de *ballet* clássico. Com o passar dos anos ingressei nas aulas de sapateado, *jazz*, dança do ventre e alongamento.

Ao chegar ao Ensino Médio precisei abdicar de algumas aulas, pois, estudava no período vespertino e poucas aulas batiam com meu horário disponível no noturno ou matutino.

Durante todos os doze anos que fiz aula de dança, em um final de semana a academia de dança apresentava um espetáculo. Preparávamo-nos o ano inteiro para essa apresentação, ensaiávamos a coreografia, planejávamos os figurinos e as maquiagens. Tínhamos longos dias de ensaios e bolhas nos pés. Porém, o contato com o público e poder observar suas reações durante as danças e algumas vezes podendo interagir durante poucos minutos, era a melhor parte, cada ano e cada dança era uma experiência única.

Dando um salto diretamente para a Universidade, cabe destacar que as artes estiveram presentes durante a formação docente no curso de Pedagogia, especialmente enfocadas para a educação de bebês e crianças pequenas.

As disciplinas do curso voltadas aos estudos das linguagens artísticas do Teatro, da Dança, das Artes Visuais, da Música foram importantes para que pudéssemos compreender que as crianças precisam que as artes estejam presentes nas ações pedagógicas cotidianas da creche e da pré-escola, pois elas, as artes, permitem o exercício da sensibilidade, da presença, da cognição e dos afetos. Para que as linguagens artísticas sejam valorizadas na Educação Infantil, elas também precisam fazer parte do currículo do curso de formação de profissionais da Educação Infantil, que no caso do Brasil, é o curso de Licenciatura em Pedagogia.



Figura 2: Recorte e colagem: brincar e criar com papeis na aula de Arte. Foto-ensaio com fotografias digitais de 27/abril/2016. Fonte: acervo de Lucia Lombardi

Durante o curso de Licenciatura em Pedagogia tive oportunidade de conhecer, dentre outras formas de arte, a performance e a intervenção urbana, o que significou uma chance de experimentar outros modos de interagir com as pessoas, de me expressar, de conhecer melhor as opiniões das outras pessoas e de repensar práticas escolares tradicionalistas, autoritárias e violentas, descobrindo novas formas de propor a educação.

Ainda durante a graduação, o fato de participar desde 2015 em um grupo de pesquisa voltado a investigar as artes na educação de crianças também influenciou muito meu modo de ver o brincar, as abordagens vivenciais, a importância do fazer e da criação pelas crianças.



Figura 3: Uma lembrança da minha presença na reunião do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE) em 11/junho/2015. Fonte: acervo de Lucia Lombardi

O processo de escrita deste memorial foi bastante significativo para mim, pois me possibilitou refletir sobre caminhos que percorri até este momento para minha formação como

cidadã, bailarina e uma professora de crianças que acredita em uma educação que acolha o brincar e as expressões criativas das crianças como parte relevante do currículo da Educação Infantil.

2.2 Metodologia: pesquisa da prática artística.

Inspirada pelas ações performáticas que pude conhecer em uma exposição de arte e nas aulas de Arte⁷ e de Movimento do curso de Pedagogia, bem como sonhando em construir uma educação que respeite as necessidades das crianças de mover, brincar, criar, reinventar e se expressar de forma criativa, surgiu a questão problema deste trabalho, que é: “a arte da performance pode contribuir com a formação de professores(as) de crianças pequenas? Se sim, de quais formas?”. O objetivo principal da pesquisa foi compreender quais contribuições a arte contemporânea, especialmente a arte da performance, pode ter para a formação de professores(as) da Educação Infantil.

A fim de cumprir o objetivo, a metodologia escolhida foi a da pesquisa da prática artística (pesquisa *em* ou *através* das artes), por ser esta uma proposta que coloca a pesquisadora em situação, experimentando e fazendo arte da performance (acontecimento em tempo real) ao mesmo tempo em que investiga temas da formação de docentes da Educação Infantil.

A pesquisadora Ciane Fernandes (2014) contribuiu com a criação metodológica na medida em que apresenta como este tipo de abordagem faz parte do que vem sendo reconhecido como uma “virada prática” neste milênio.

Fernandes (2014) aborda modalidades de pesquisa relacionadas à prática e, mais especificamente, à prática artística, como opções reconhecidas no âmbito acadêmico internacional. Como ela explica, são pesquisas que colocam a linguagem artística como sujeito da investigação, ao invés de ser apenas objeto a ser analisado: “as pesquisas com prática artística não são apenas compatíveis com a arte: elas nascem da arte, de seus modos particulares e únicos de articular, relacionar diferenças e criar conhecimento.” (FERNANDES, 2014, p. 23).

Fernandes (2014) afirma que algumas destas abordagens metodológicas vêm sendo delineadas nas últimas décadas, a exemplo da Pesquisa Relacionada à Prática (Practice Related Research), da Pesquisa Performativa (Performative Research), da Pesquisa Somática (Somatic Research) e da Pesquisa Somático-Performativa.

⁷ A palavra Arte com inicial maiúscula é usada neste trabalho para se referir à Arte enquanto disciplina /componente curricular da educação básica e do ensino superior, voltado para o estudo das quatro linguagens artísticas – Teatro, Artes Visuais, Dança e Música.

Este tipo de pesquisa não pretende provar a verdade, como acontece no viés positivista. Conforme Fernandes (2014) o(a) pesquisador(a) pós-positivista encontra relações intrínsecas coerentes e conexões qualitativas significativas num contexto multifacetado, através de métodos mais participativos, interpessoais e subjetivos.

Segundo ela, nem toda prática artística é pesquisa. As abordagens de pesquisa com prática artística transformam o ato da criação artística no próprio método da pesquisa, atravessando todas as etapas com a imprevisibilidade e autonomia inerentes ao processo artístico. Como nas pesquisas pós-positivistas, o percurso das pesquisas com prática artística se constrói durante seu processo, porém, nesta última modalidade, durante processos artísticos.

Em geral, estas têm sido propostas feitas por artistas-pesquisadores(as) e pesquisadores(as) da comunidade criativa, que propõem abordagens de pesquisa com prática artística, para as quais “a realidade é dinâmica e permeada pela experiência criativa que move nossas percepções e afetos, questionando preconceitos e juízos de valor através da experiência sensível.” (FERNANDES, 2014, p. 22).

Sandra Rey (2002) nomeia como “pesquisa *em arte*” aquela realizada pelo(a) artista-pesquisador(a) a partir do processo de instauração de seu trabalho e que questiona sua própria realização. A autora afirma que:

a pesquisa *em arte* constitui-se numa modalidade específica de pesquisa com características muito próprias a seu campo. [...] porque o pesquisador, neste caso, constrói o seu objeto de estudo ao mesmo tempo em que desenvolve a pesquisa. Esse fato faz a diferença da pesquisa *em arte*: o objeto de estudo não se constitui como um dado preliminar no corpo teórico; o artista-pesquisador precisa produzir seu objeto de estudo com a investigação em andamento e daí extrair as questões que investigará pelo viés da teoria. O objeto de estudo, desse modo, não se apresenta parado no tempo, como no caso do estudo de obras acabadas, mas está *em processo*. (REY, 2002, p. 132)

No contexto específico deste estudo, tomamos posse da metodologia de pesquisa da prática artística para investigar um tema da Educação, mais especificamente da formação de professores(as) de Educação Infantil, a fim de descobrir de forma engajada social, cultural e artística, quais aspectos que um(uma) performer experimenta que podem contribuir com a formação de docentes de crianças.

Desse modo, a presente pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e de pesquisa da prática artística. Descreve e analisa as reperformances realizadas pela autora na Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, no período de 2014 a 2017, durante a semana científica de estudantes do curso de Pedagogia.

As performances foram realizadas dentro do *campus* universitário. Vale ressaltar, no que se refere à escolha dos locais e à sua visibilidade para o público que circula pelo *campus*, tinha por intenção permitir que a performance atingisse patamares altos de exposição, lembrando que a exposição ampla da performance e de seus(suas) performers é parte relevante da linguagem denominada de arte da performance. O público da reperformance foram todas as pessoas interessadas: estudantes, professores(as), técnicos administrativos, funcionários ou visitantes.

Para iniciar a pesquisa, realizei o levantamento bibliográfico em duas bases de dados com os descritores (palavra-chave) sobre temas gerais e específicos: intervenção urbana, educação e performance, foto-ensaio, intervenção e história da performance. De acordo com Malheiros (2011), determinei os critérios utilizados para a escolha das fontes bibliográficas a serem lidas e fichadas prezando, primeiramente, pela qualidade das fontes, podendo ser livros, artigos publicados em revistas científicas e dissertações de mestrado.

O modelo de tabela usado para a revisão de literatura foi criado em 2012, pela Prof^a. Dr^a. Lucia Lombardi, orientadora do trabalho, no contexto de estudos sobre metodologia de pesquisa no curso de Licenciatura em Pedagogia, tendo sido modificadas e aprimoradas em discussões sobre o procedimento de levantamento bibliográfico no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE).

Utilizei no trabalho fontes que foram encontradas nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo- USP ([Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP](#)) e Google Acadêmico. Alguns textos aqui utilizados adquiri através das indicações de minha orientadora. Deste modo, construí as seguintes tabelas.

TABELA 1 – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP

BIBLIOTECA DIGITAL USP			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados

Intervenção Urbana	12	01	LIMA, Mateus Vieira Villela de. Intervenção Urbana: Arte e Resistência no espaço público. Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Escola de Comunicações e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. 2013. Disponível em: < http://www.usp.br/celacc/?q=tcc_celacc/intervencao-urbana-arte-resistencia-espaco-publico >. Acesso em: 22 de Nov. 2017.
Educação e Performance	09	00	
Foto-Ensaio	00	00	
Intervenção e História da Performance	04	01	COHEN, Renato. Performance como linguagem. 1 ed. São Paulo - SP: Editora Perspectiva, 2002. 176 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/82649/mod_resource/content/1/COHEN%20Renato%20-%20Performance%20como%20linguagem.pdf . Acesso em: 24 Jun 2017
Currículo oculto	04	00	

TABELA 2 – GOOGLE ACADÊMICO

GOOGLE ACADÊMICO			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados
Intervenção Urbana	21	00	

Educação e Performance	17	01	Lamm Pineau, E. (2010). Nos Cruzamentos Entre a Performance e a Pedagogia : uma revisão prospectiva. Educação & Realidade , [en linea] 35(2), pp.89-113. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227077007 Acesso em: 18 nov. 2017
Foto-Ensaio	01	01	GALVANI, Vanessa Marques. Uma nova lente para o professor : potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas. 2016. 168 f. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: < http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/14697 > . Acesso 24 de Nov. 2017
Intervenção e História da Performance	08	00	
Currículo oculto	02	01	RIBEIRO, Solgange Lucas. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. Sitientibus , Feira de santana, v. 31, p. 103-118, jul./dez. 2004.

Realizei a leitura superficial, como indica Malheiros (2011, p. 119) para colocar em execução a primeira etapa do processo da construção do referencial teórico:

A leitura superficial é um tipo de leitura que foca no resumo e no sumário da obra. Seu objetivo é compreender se o texto que é analisado condiz com a pesquisa que será desenvolvida. Após as leituras superficiais de todos os textos que foram selecionados é possível identificar aspectos faltantes e, com isso, partir para a complementação desses textos de trabalho.

Finalizadas as leituras superficiais, iniciei o fichamento e a leitura aprofundada de cada texto selecionado. Malheiros (2011), afirma que devemos ler duas vezes o mesmo trabalho,

pois, deste modo, compreendemos melhor seu conteúdo, podendo assim fichá-lo. Realizamos a primeira leitura para buscar intimidade com o texto e, na segunda vez, buscamos identificar os pontos centrais, podendo assim estabelecer uma visão global.

As reperformances representaram a forma de ir a campo, coletar dados e investigar a formação de professores(as). Ir à campo levando as ações performativas foi o meio que encontrei de criar modos diversos de me relacionar com o outro, a fim de, posteriormente, poder levar os aprendizados das ações performáticas para o espaço da sala de aula. Também busquei por “propostas menos opressoras, menos autoritárias, que abram espaços para relações que não se limitam à hierarquia entre quem ensina e quem aprende.” (RACHEL, 2013, p. 33)

Apesar de irmos a campo, não usamos como nomenclatura definidora desta pesquisa a de “estudo de campo”, pois, de acordo com Malheiros (2011, p. 97), o estudo de campo significa ir ao encontro do objeto de estudo sem integrar-se a ele:

[...] supõe um certo afastamento do pesquisador em relação ao objeto, na medida em que o que se almeja é levantar os dados no sentido de ser capaz de descrever o fenômeno, o fato real. Não é, portanto, uma pesquisa intervencionista, mas observacional em sua essência.

Em relação às fotos utilizadas no trabalho, foram assinados termos de Consentimento Livre e Esclarecido por todas as pessoas participantes, autorizando o uso de suas imagens. O modelo de Consentimento consta no APÊNDICE A.

Desta forma, conforme o autor ensina a proceder, defini o problema, planejei o ambiente de experimentação, realizei as ações performáticas registrando e observando, analisei as observações e os dados coletados e redigi o relatório final.

3. Capítulo II. Quadro Teórico sobre a arte da performance.

Conforme explica Lombardi (2017), o curso de Pedagogia é o curso em nível de graduação que no Brasil forma, por excelência, profissionais da Educação para o trabalho com as crianças e as múltiplas infâncias na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, e no qual se aprende que a criança não é menos cidadã, o bebê não é menos cidadão. Lombardi afirma:

A criança tem todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana e é dever de todos assegurar que nenhuma criança seja objeto de negligência, de discriminação, de exploração, de violência, de crueldade ou opressão. E, ao contrário do que alguns possam pensar, é necessária uma formação profunda, consistente, sólida e ampla para estar capacitado a trabalhar com crianças pequenas. Profissionais de Educação Infantil precisam ter posse de muitos conhecimentos para saber compreender, se comunicar, planejar e executar ações pedagógicas com bebês e crianças pequenas. Porque toda criança tem direito de ser vista como capaz, de ser escutada e respeitada. (LOMBARDI, 2017, p. 36)

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, Resolução CNE/CP nº 1, de 15/05/2006 (BRASIL, 2006), o(a) egresso(a) do curso de Pedagogia deverá estar apto(a), dentre outros aspectos, a ensinar artes para as crianças de forma interdisciplinar, sendo que a estrutura do curso, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, deve ser constituída de um núcleo de estudos básicos que, sem perder de vista a diversidade e a multiculturalidade da sociedade brasileira, articule códigos de diferentes linguagens utilizadas por crianças, e do trabalho didático com conteúdos relativos a todas as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, Artes e Educação Física.

É nesta circunstância que temos disciplinas obrigatórias de 60 horas de aula que tratam da presença das artes e do movimento nos aprendizados das crianças pequenas, tais como “Metodologia do Ensino de Arte” e “Educação, Corpo e Movimento”, ambas divididas em créditos teóricos e práticos. A docente responsável, Dr^a. Lucia Lombardi, ministrou a aula sobre a arte da performance, forma de arte contemporânea que articula diferentes modalidades de arte – dança, música, pintura, teatro, escultura, literatura – desafiando as classificações habituais e colocando em questão a própria definição de arte.

Entrar em contato com esses conhecimentos me aproximou mais das crianças, pois tornou possível refletir sobre quais aspectos da arte contemporânea se aproximam da forma como crianças pequenas criam, reinventam e brincam com os fazeres artísticos. Neste sentido, a seguir é apresentada a contextualização sobre o tema da arte da performance.

Houve movimentos como Futurismo, Dadaísmo e Surrealismo que buscavam o rompimento da arte contemporânea com a arte tradicional. Estes movimentos são conhecidos como vanguardas. Ao questionar os padrões estabelecidos através dos anos, esses movimentos foram com algumas mudanças, buscando o mesmo objetivo, ir contra a arte conservadora, conquistando e buscar novas visões para a arte, podendo assim modernizá-la, usufruindo das tecnologias existentes na época, em consequência da Revolução Industrial (CIOTTI, 2014).

Entre as diferenças dos movimentos, o Surrealismo foi inspirado no Dadaísmo, suas diferenciações principais são por terem mais ações mais dramáticas e escandalosas. Os artistas surrealistas buscavam impedir o controle do consciente, buscando assim não serem previsíveis em suas ações artísticas, provocando o público com indagações sociais que normalmente eram críticas à burguesia. O Realismo em peças de teatros e pinturas tradicionais também era criticado, pois na concepção deste movimento, o real não deveria ser forma de expressão artística, deveria descontextualizar a realidade e o social, podendo assim, conseguir compreender uma nova concepção de arte (COHEN, 2002).

Acontecendo paralelamente ao movimento do Surrealismo, houve a inauguração da escola Bauhaus na Alemanha. Em suas particularidades a escola trabalhava os conceitos das artes plásticas, do design e da arquitetura. Seus professores específicos para cada área conheciam e participavam dos movimentos que sobreviviam na época. Entre as atividades da instituição estava o desenvolvimento de numerosas atividades cênicas, partindo do ponto de vista humanista, integrando a arte e a tecnologia. Bauhaus foi à primeira escola a ofertar *workshops* de performances. Com poucos anos de fundação a escola foi fechada com a proliferação do nazismo, por não condizer com seus ideais (COHEN 2002).

Cohen (2002) afirma que após o fechamento da escola Bauhaus, ocorreram, nos E.U.A. (Estados Unidos da América), articulações para que acontecesse a abertura de uma instituição semelhante no estado da Carolina do Norte. Deste modo houve a inauguração de uma escola poucos anos depois, intitulada como *Black Mountain College*. Artistas que foram aos poucos se formando, iniciaram apresentações em diversas cidades em todo o país. Apresentações essas que resultaram no movimento *happening* que em sua tradução literal seria "acontecimento" e/ou "evento". A escola *Black Mountain College*, segundo Rachel (2013), continha em sua estrutura a participação dos estudantes muito forte, com uma gestão democrática entre eles e os professores. Havia experimentações para a efetivação do ensino aprendizagem em qualquer área do conhecimento.

O *happening*, segundo Cohen (2002), surge como movimento para aproximar mais o público das ações artísticas. Partindo desse ponto, o movimento busca trabalhar a multimídia,

não são utilizados textos escritos ou roteiro, são apenas as ideias conjuntas para a ação, utilizando como sua principal característica a imprevisibilidade. Não se seguia uma história convencional com começo, meio e fim, e sim a espontaneidade e imprevisibilidade da participação do público, podendo encerrar quando não houvesse mais a presença ou interesse dos participantes. Essas ações poderiam ocorrer em ruas, praças ou ambientes fechados, desde que houvesse participação do quinhoeiro.

Entre as décadas de 1980 e 1990, a performance começou a ganhar destaque ao valorizar a presença do corpo do artista em suas ações, devendo ser sua principal ferramenta para atuação e interação com o espaço, com o público e caso tivesse, com o objeto. Motivos como esses caracterizam algumas das distinções entre performance e *happening*.

Flávio de Carvalho, um dos primeiros e principais performers brasileiros, buscava através de suas ações como artista performático causar estranhamento, questionar verdades ditas como absolutas, e observar a reação do público diante de uma situação inesperada. Em sua performance durante a procissão de Corpus Christi no ano de 1931, ele utilizava um chapéu verde e colocou-se a andar contra a multidão de fiéis. Vale ressaltar que para a época durante uma procissão religiosa era costume e sinal de respeito não cobrir a cabeça. Os fiéis, ao se depararem com tal afronta religiosa, o ameaçaram e tentaram linchá-lo, o que fez o artista fugir da procissão para não sofrer qualquer infortúnio (SANTOS, 2008).

Performistas são pessoas de ação que não realizam o papel de outra pessoa. Assim como Flávio de Carvalho atuou durante a procissão, diversos outros performers também se mantiveram fiéis ao seu papel durante atuações. Contemplando essa ideia Grotowski (2015, p. 2) define o performer da seguinte forma:

O Performer, com letra maiúscula, é um homem de ação. Ele não é um homem que faz o papel de outro. É o atuante, o sacerdote, o guerreiro: está fora dos gêneros estéticos. O ritual é performance, uma ação realizada, um ato. O ritual degenerado é um espetáculo.

Tal descrição é para reafirmar que toda performance necessita da interação e participação do público, pois, para que haja um espetáculo deve se conter espectadores; para que seja um sacerdote, se faz necessário uma ideia a compactuar com suas ações; e para que suas ideias e ações estabeleçam seu objetivo, como no caso de Flávio, causar estranhamento no público.

Segundo Giordano (2014, p.43) “quando a arte estimula a participação do espectador, isso cria hábitos de ação social e projeta a consciência política sobre os temas abordados”. Nesta mesma perspectiva, durante as minhas reperformances, tentei trazer a consciência política e

pessoal ao questionar sobre sonhos adormecidos ou esquecidos: levantando porquês de não seguir determinado sonho, ou tê-lo abandonado com o decorrer dos anos, o que pode ter causado esse esquecimento, investigando quais foram as influências que fizeram a pessoa mudar de ideias e, conseqüentemente, diversas outras indagações podem ter surgido em cada participante.

A intervenção é empregada no campo das artes, mas não há uma única definição para o termo, podendo ser empregada em diversas situações e campos de atuação. No presente trabalho utilizo a concepção de intervenção segundo a Enciclopédia Itaú Cultural:

Tomando o significado do vocábulo intervenção -como ação sobre algo, que acarreta reações diretas ou indiretas; ato de se envolver em uma situação, para evitar ou incentivar que algo aconteça; alteração do estabelecido; interação, intermediação, interferência, incisão, contribuição- podemos destacar alguns aspectos que singularizam essa forma de arte: a relação entre a obra e o meio (espaço e público), a ação imediata sobre determinado tempo e lugar, o intuito de provocar reações e transformações no comportamento, concepções e percepções dos indivíduos, um componente de subversão ou questionamento das normas sociais, o engajamento com proposições políticas ou problemas sociais, a interrupção do curso normal das coisas através da surpresa, do humor, da ironia, da crítica, do estranhamento. (Enciclopédia Itaú Cultural, 2017)⁸

Intervenção, assim definida, assemelha-se à performance. Porém a intervenção que desejo dar ênfase é a urbana, que além das características já descritas, tem também as de serem efêmeras, ações participativas com interação com o público, ocorrer em ambientes fechados ou abertos, envolver debates, ações performáticas, etc.

Os movimentos artísticos que descrevi neste capítulo buscavam se distanciar das visões de artes antigamente pré-estabelecidas, buscando uma nova interpretação das ações artísticas. A intervenção tem o mesmo objetivo, trazendo a realidade do cotidiano em suas ações, almejando não se prender em uma única ação, podendo assim abranger diferentes campos de atuações.

Além disso, a intervenção tem por objetivo tornar-se mais acessível a diversas camadas populares e não comercializar suas ações, trazendo características cotidianas para a ação artística, desmistificando a ideia de a arte ser algo distante da população, partindo do pressuposto de que ela é uma ação momentânea trabalhando também o espaço e o tempo. Segundo a Enciclopédia Itaú de Arte (2017), “diferentes trabalhos de arte podem ser

⁸ INTERVENÇÃO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>>. Acesso em: 02 de Dez. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

qualificados como intervenção, não havendo, portanto, uma categorização única ou fronteiras rígidas”.

É possível perceber um determinado padrão em todos os movimentos citados. Por exemplo, a utilização de uma linguagem artística que a princípio não foi socialmente aceita e uma não preocupação em seguir ideologias sociais. Através da arte foi e ainda é possível questionar os sujeitos e suas certezas absolutas, abalar visões de mundo pré-estabelecidas e questionar determinadas condutas passivas da sociedade em diversas situações.

Através dos movimentos artísticos ao decorrer dos séculos, foi aberta a possibilidade dos artistas experimentarem e não necessariamente atenderem as expectativas do público, que muitas vezes espera uma ação ideologizada, podendo resultar em estranhamento e negação dos participantes ao terem suas visões de mundo questionadas.

Utilizo no decorrer do trabalho os termos “intervenção”, “ação urbana” e “performance” com o mesmo propósito: de significar práticas em processo, modos de intervir no mundo provocando o cotidiano de forma estética e artística. Destaca-se que neste trabalho não se pretende abordar os termos como conclusivos e que é adotada a concepção de performance enquanto manifestação artística e cultural, por isso privilegiando a nomenclatura “arte da performance”.

4. Capítulo III. Descrição e análise dos dados

No presente capítulo realizo o exercício de descrever as ações artísticas realizadas no *campus* universitário no período de 2014 a 2017, rememorar os fatos mais significativos que ocorreram durante as performances, revendo minha própria jornada e aprofundando a reflexão sobre elas.

Antes de descrever e analisar as performances, considero relevante apresentar a concepção de formação docente na qual acredito.

4.1 A formação de professores(as) em que acredito

A postura e o papel do(da) professor(a) em sala de aula, foi construída historicamente. Houve e ainda há a idealização do(da) professor(a) “como alguém extremamente sério, de hábitos regrados, dedicado aos estudos e ao ofício, preocupado em manter a compostura, garantir a autoridade” (RACHEL, 2013, p. 11). A depender do objetivo e da compreensão de educação que se tem, a escola pode assumir uma postura mais ou menos tradicionalista, respeitando, escutando ou desconsiderando os(as) estudantes nos processos, vendo-os como sujeitos criativos ou apenas como depositários de conteúdos, assim mantendo e reproduzindo o *status quo* ou procurando ser instituição de transformação social.

Essa escola com função conservadora busca “ensinar e conseqüentemente enquadrar (a si e aos outros) a regras preestabelecidas (...) educar como condicionamento comportamental e transmissão de conteúdos” (RACHEL, 2013, p.12). Para que seja desconstruída essa visão de educação, o educador deve primeiramente ter consciência de sua função social, refletindo e agindo de maneira transformadora. Deste modo, o professor supera a visão de que o discente é um ser “sem luz,” que virá a ser “iluminado”, e passa a compreender o educando como um sujeito ativo, criativo e produtor de conhecimento, para que assim ocorra efetivas mudanças em seu trabalho como docente, não reproduzindo regras e enquadrando seus estudantes nelas e sim propiciando vivências para a liberdade.

Destacando esta ideia, Paulo Freire (1996, p. 25) afirma que não há “docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os contam, não se reduzem à condição de objeto um do outro.”. Sem um o outro não existe, deve-se então ter a certeza que de o ensino necessita de ambos, e para que ocorra efetivamente uma melhoria, novos caminhos precisam ser seguidos para a construção de uma educação de qualidade e para a cidadania.

Sendo assim, professora e criança devem ter consciência de que podem e devem aprender juntos, tendo em vista que a aprendizagem é um processo dialético, não cabe ao estudante, e sim ao ser humano; Freire, (1996, p. 24) afirma que “é preciso que [...] desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formando.”

E para que esta contínua formação seja de qualidade, o professor deve compreender que é preciso partir da realidade dos educandos, buscando estimular criticamente suas curiosidades, investigando e questionando, para que o conhecimento construído seja pertinente. Deste modo, será possível compreender o sentido pleno dos objetos tratados em sala de aula, questionando, por exemplo, a realidade desigual de sua própria comunidade. Quando o ponto de partida é a realidade do estudante, as provocações e questionamentos cercam as situações do próprio cotidiano do sujeito (FREIRE, 1996).

Rachel (2013) pontua que o professor não deve considerar-se melhor e sim “um participante desta pluralidade de existências.” (RACHEL, 2013, p. 12). E para Freire (1996, p. 24) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”. Para ambos, a educação deve ser construída com as pessoas envolvidas, e não apenas para as pessoas, pois a mudança só ocorrerá quando o indivíduo se percebe como sujeito ativo, refletindo e agindo coletivamente, em busca dos objetivos em comum.

Quando se parte da realidade do estudante, o conhecimento dele é valorizado e contribui para a compreensão da realidade social, sendo assim, esta educação gera mudanças, pois se opõe a um conhecimento pronto, hegemônico e elitizado. E ao utilizar a performance, a prática conservadora é repensada, podendo assim transformar padrões, questionar situações, possibilitar mudanças reais. Rachel (2013), destaca a necessidade da produção e experiências de saber, que é o oposto do conteúdo estático, “as narrativas, das diferentes experiências e histórias de vida dos estudantes junto ao professor, como formas de produzir e experienciar não só conteúdo (arquivo) mas repertório (saber encarnado).” (RACHEL, 2013, p. 40)

As características e objetivos dos artistas podem e devem contribuir para a formação do professor, para que a formação docente se torne mais leve, criativa e desregrada (RACHEL, 2013). A autora pontua que há na educação diversas formas de lecionar e aprender, logo, não deve ser criado tantas certezas e convicções, pois o arriscar e a incerteza, são características positivas e transformadoras numa sociedade e escola com padrões e regras pré-estabelecidas.

A educação libertária busca através da realidade e do cotidiano dos estudantes, temas geradores para a compreensão do mundo, para que assim ajam nele, transformando e consequentemente se transformando. Os artistas performativos, também buscam através de suas

ações, trazer o cotidiano do público à suas intervenções, buscando a interação e contribuindo para uma efetiva participação.

Desta forma professor performer, partindo da perspectiva de ensino Freireana, conseguem inserir a realidade cotidiana na sala de aula, construindo uma prática de ensino juntamente com seus educandos, se tornando assim, crítica e visando a emancipação, com uma compreensão e ação coletiva significativa e transformadora.

Todas as ações foram realizadas durante o evento científico chamado “Semana da Pedagogia”, na qual todos(as) os(as) estudantes do curso têm as aulas suspensas para vivenciar uma semana de programação diferenciada, com um tema gerador, que a cada ano modifica-se. São realizadas palestras, minicursos, oficinas, debates, sarau, intervenções, apresentações, apreciação de documentários e diversas outras atividades a depender do foco do tema da Semana. Os organizadores são estudantes regulares do curso, com a coordenação de um(uma) ou mais professores(as).

4.2. Preparação da Performance

Para a performer, sempre é mais importante o desenvolvimento da ação e não seu resultado, prezando cada momento, cada interação com o público que estiver junto a ele. Fazer com que momentos se agreguem ao cotidiano dos participantes. Podendo ou não chamar atenção de quem estiver passando pelo local da ação urbana, sendo totalmente parcial de cada indivíduo parar, participar, observar, interagir, julgar, ofender ou até mesmo ignorar. Desta forma de acordo com Rachel (2013, p. 4), “na performance o corpo está presente, a interação com a obra é direta e efêmera, algumas vezes não se tem certeza de quando começa e se termina, confunde-se com o fluxo do cotidiano.”

Ao refletir sobre como poderia vir a ser a intervenção, tive receio de não haver participação das pessoas que frequentassem o ambiente. Receio, pois, ocorreram pouquíssimas ações no *campus* universitário que poderiam se relacionar com a ação urbana que havia planejado. Deste modo, para também me distanciar um pouco da ação urbana de Ana Teixeira, mudei a forma que eles poderiam participar, para não correr riscos de não haver interessados, por medo de serem expostos de alguma forma negativa.

Partindo desta ideia, resolvi pedir para que os participantes escrevessem seus sonhos em folhas de papel nas quais poderiam fazer o que desejassem como escrever, rabiscar, desenhar, usar códigos, etc. A única condição era que me devolvessem o sonho. Deste modo, o

participante poderia escolher o que mais lhe agradaria, escrevendo de forma anônima ou não, sem que houvesse a possibilidade de constrangimento.

Ao receber o sonho dos participantes, precisava fazer algo com eles e não apenas guarda-los. Deste modo, planejei expor todos os sonhos em uma parede de um prédio teórico de aula, local de muita circulação de estudantes, professores, funcionários e visitantes, pois o auditório é próximo, como alguns laboratórios e salas de aula.

Nessa construção da performance, busquei associar o sonho a algo que remetesse a felicidades, infância, adolescência, guloseimas e boas memórias. Ana Teixeira em sua ação original utilizou sonhos de padaria, como desejava me distanciar um pouco da performance original, trazendo uma característica única ao meu trabalho, descartei essa possibilidade. Nessa busca pelo objeto de troca planejei utilizar doces, mais especificamente pirulitos. Assim, a frase que iria utilizar como base para a primeira ação urbana seria "Troco doces por sonhos doces".

Resolvido alguns detalhes da performance, meu próximo passo foi pensar sobre minhas atitudes e me questionei se deveria existir algum roteiro que devesse seguir. Recordo ler uma entrevista com Ana Teixeira, na qual ela relatava não ter algo pré-determinado, ela ia aberta para tudo que pudesse acontecer, sempre frisando pelo total respeito que deveríamos mostrar aos participantes. Concluí minha performance inspirada nessa fala: agiria e interagiria com naturalidade, de forma agradável com todos que resolvessem participar, sendo estudantes, professores, funcionários e/ou visitantes.

4.3 Descrevendo as performances

4.3.1 Primeira Reperformance

“Ao compreender a performance como uma linguagem artística de difícil definição, principalmente para os moldes cientificistas da academia, a qual preza pela clareza, pela determinação exata ou praticamente exata das fronteiras que delineiam o conceito abordado em tal perspectiva.”

RACHEL (2013, p.2).

Em 2014, para a minha primeira intervenção, iniciei os preparativos alguns dias antes, organizando cartazes, os doces, uma cesta, folhas sulfite (que foi o que tipo a que tive acesso neste momento), pranchetas e lápis de colorir. Intitulei minha performance como “Troco doces

por doces sonhos” e comprei cerca de quatrocentos pirulitos. Escolhi um lugar no *campus* de fácil acesso e circulação dos estudantes, no caso, a entrada do ATLab –prédio de Aulas Teóricas e Laboratórios-, popularmente conhecidos como "prédio roxo" (o nome é dado pela cor das paredes externas do prédio), onde concentrava-se grande parte das salas teóricas.

Após resolver todos os detalhes da performance, busquei ajuda de amigas que topassem me auxiliar no dia da intervenção. Desta forma expliquei as ideias, propostas e o objetivo desta ação. Recebi ajuda das minhas amigas, Jaciara Bueno e Isabele Scudeler, para a confecção dos cartazes utilizados e para a realização dos quatro dias da performance.

Iniciamos a intervenção na segunda-feira, primeiro dia do evento da VI Semana da Pedagogia, da qual o tema foi “Aprender brincando – Perspectivas para uma educação lúdica”, realizada de 20 a 24 de outubro.

Comecei o primeiro dia de intervenção no período da tarde, com o objetivo de divulgar a semana para os estudantes, funcionários e professores de outros cursos do ensino integral. Mantivemos a intervenção até o término da palestra e do *coffee break*, para receber a atenção de todos que participaram e estavam presente durante a abertura da Semana. Como afirma Giardano (2014, p. 44):

As ações de rua funcionam como atos performativos espontâneos que surpreendem as pessoas que estão circulando no momento e no local, fazendo com que elas sejam conduzidas para novas possibilidades de percepção e interação com os artistas e o espaço real.

Realizamos quatro dias de intervenção. Três dias (segunda-feira, terça-feira e quinta-feira) recepcionando os estudantes dos períodos integral e noturno, período no qual estivemos em ação das 14 horas até às 21 horas. Um dia (quarta-feira) ficamos das 17h30 até as 21h30 somente no período noturno.

Em uma perspectiva geral, minha primeira intervenção foi um sonho. Tivemos muitas participações no primeiro dia. As pessoas nos abordavam perguntando o que era tudo aquilo, o que estava acontecendo, todos se interessavam em participar. Aqueles que participavam, iam buscar os amigos para participarem também. Havia pessoas que escreviam mais de um sonho, havia pessoas que levavam os sonhos e nos entregavam depois, com a preocupação de fazer aquele sonho com carinho, para conseguir fazer o que sonhavam com mais calma e cuidado.

Nesse primeiro dia várias pessoas perguntavam se iríamos voltar e o que iria acontecer com os sonhos. Quando finalizamos a semana de intervenção e colamos todos os sonhos na parede, a resposta foi muito satisfatória: todos que passavam pelo local paravam para ler os

sonhos, tiravam um tempo de seu dia corrido e estressado para conhecer os sonhos de um desconhecido.



Figura 4: Professoras determinadas a cavucar sonhos esquecidos. Fonte: Acervo pessoal de Thais Prini

A fotografia é reveladora de sentidos. Escolhi esta imagem porque ela conta uma história de cuidado, dedicação e companheirismo. Os lápis coloridos, os papéis com recados e pirulitos, as pranchetas preparadas, minhas companheiras de performance: tudo significando a esperança do sonho.

4.3.2 Segunda Reperformance

No ano seguinte, em 2015, o tema da VII Semana da Pedagogia foi “Educação Não Formal e Movimentos Sociais – Pesquisa em educação e compromisso político-social” (MARTINS, GATTI, GIACON, 2015).

Naquele ano tive ajuda das minhas amigas, Jaciara Bueno e Juliana Oliveira, para me acompanharem durante as intervenções, na preparação do cartaz, na confecção dos marca-páginas e para colar os sonhos nas paredes.

Para conseguir encaixar a intervenção com o tema da semana, modificamos o título da intervenção, mantendo a essência e o objetivo por detrás dela. Utilizamos então à temática “Eu tenho um sonho... Como podemos atuar para melhorar o mundo?”.

Um dos motivos para mudar o tema foi tentar resgatar um pouco das atuações sociais que já sonhamos em realizar e tentar contrapor atuações individualistas. Em algum momento já sonhamos em mudar o mundo, em melhorar uma situação que não concordávamos, e a intenção era trazer de volta esses sonhos adormecidos. Mudamos também nosso objeto de troca, confeccionamos marca-páginas de diferentes modelos, tamanhos e cores, para agradar todos os tipos de gostos. Anexado junto ao marca-páginas estava a frase "Seja a mudança que você quer ver no mundo", de Mahatma Gandhi. Realizamos a intervenção segunda-feira e terça-feira o dia inteiro, das 14h às 21h. Na quarta-feira somente no período noturno, das 18h às 21h30.

Nos dias em que ocorreram as intervenções, algumas pessoas me contavam seus sonhos. Algumas vezes tive a sensação de que estavam esperando minha aprovação, outras vezes contavam seus vários sonhos e a dúvida em não saber qual deveriam escrever.



Figura 5: Buscando reviver sonhos adormecidos que muitas vezes a sociedade rouba de nós.

Fonte: Acervo de Thais Prini

Estávamos prestes a iniciar a performance e recolher os sonhos de quem estivesse disposto a entregá-los, buscando ressuscitar sonhos coletivos para melhor atuarmos no mundo, buscando ser a mudança que desejamos ver no mundo. Espalhamos os sonhos para que todos pudessem ser compartilhados, podendo sonhar-se com os amigos e com desconhecidos.

4.3.3 Terceira Reperformance.

Em 2016 o tema da VIII Semana da Pedagogia foi “Direito de Ser Criança - Diferentes Olhares na Educação Infantil” (SANTOS, 2016), realizada de 28 de setembro a 02 de outubro. Para acompanhar o tema da semana adaptei o tema para “Troco doces por doces sonhos infantis”. A intenção era de que o público parasse por um momento com a correria do dia a dia, com as preocupações que se acumulam com o tempo, com a construção do futuro; e tentasse retomar concepções antigas de como, por exemplo, quais eram seus sonhos durante a infância. Tentar lembrar o que motivava suas inspirações e idealizações para o futuro.

Realizei a intervenção deste ano sozinha, em três dias, (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira). Nos dois primeiros dias, realizei a intervenção das 14h30 às 21h30 e quarta fui para a universidade somente para colar os sonhos. Para realizar a troca utilizei cerca de trezentos pirulitos, remetendo ao ano inicial, de dois sabores: cereja e uva.

Para esse ano em particular, devo admitir que não pretendia realizar a intervenção, não pelo tema, nem pelas experiências passadas, mas porque sentia um desânimo muito grande em relação à universidade: estava cansada, estressada, desanimada em estar no quarto ano e ver colegas de outros cursos estarem prestes a formar enquanto eu tinha mais um ano para cursar. O curso de Pedagogia e Biologia Licenciatura-noturno na UFSCar *campus* Sorocaba duram cinco anos, enquanto os demais cursos de licenciatura duram quatro.

Foi então que, conversando com a Gabrielle Bueno (Figura 3), que era caloura em Pedagogia deste mesmo ano e a qual não havia tido a oportunidade de conhecer a intervenção, pude explicar e relatar minhas experiências dos últimos dois anos, os porquês das intervenções e meus objetivos com essa ação urbana.

Com isso, percebi o quanto essas ações já estavam fazendo parte da minha vida acadêmica e pessoal. O quanto me empolgava ao lembrar das conversas com desconhecidos, de seus sonhos e confidências que me foram entregues ao decorrer dos anos. Não poderia parar aquele momento, por mais saturada e cansada que estivesse. Precisava dar continuidade ao que havia começado, pois no ano seguinte não teria tempo, já planejava utilizar a semana acadêmica da Pedagogia para adiantar as leituras e escritas do trabalho.



Figura 6: Amizade que despertou novamente inspirações e os porquês esquecidos. Fonte: Acervo de Thais Prini.

Desta forma, por mais que tivesse reduzido os dias de intervenção, preparei tudo com muito zelo e carinho. Cada detalhe foi idealizado para que ocorresse da melhor forma possível. Havia diversos estudantes, professores e funcionários que poderiam não ter participado da intervenção nos anos anteriores, e que teriam a chance de poder recordar seus sonhos de infância. Não que não houvessem pessoas que pudessem fazer esse exercício de recordar sozinho, mas quando há algo direcionado apenas para esses momentos, talvez seja inevitável trazer lembranças passadas.

Diversos sonhos foram entregues, e recordo-me de alguns que me marcaram. Entre eles uma moça vivia procurando sapos para beijá-los, afim de encontrar seu príncipe. Um rapaz que seu cachorro pudesse conversar com ele. Havia pessoas que sonhavam em serem surfistas, bombeiros, astronautas, policiais, professoras e até mesmo animais. Sonhavam em nadar numa piscina de chocolate, aprender a andar de bicicleta, ajudar seus pais em casa, comprar uma fazenda para adotar todos os cachorros de rua do mundo inteiro, e tantos outros sonhos.

4.3.4 Quarta Reperformance.

A intervenção de 2017 foi uma grande surpresa!

Desde o início do ano, estava convicta de que não conseguiria realizar a intervenção, pois, ao estar no último ano do curso, sempre considerei que não haveria tempo para que eu conseguisse dar conta dos meus compromissos com a universidade e o TCC. Não realizaria a intervenção durante alguns dias o dia inteiro, utilizaria esse tempo para adiantar trabalhos.

Quatro dias antes de começar a IV Semana da Pedagogia com o tema “Educação Não Tradicional” (LOMBARDI, NAKADAKI; PEDROSO, 2017) durante o período de 02 a 06 de outubro, tive uma reunião com a orientadora, que também era a professora responsável pela organização desta semana científica. Antes de iniciarmos a sessão de orientação do TCC, comentei com ela sobre minha tristeza por não conseguir realizar a intervenção neste momento, pois, como havia terminado outras demandas e tarefas acadêmicas.

Após longa conversa com a professora-orientadora sobre as dificuldades que eu estava tendo com o tema anterior de pesquisa, surgiu uma provocação estética por parte dela: “Por que seu objeto de pesquisa do TCC não poderia ser as performances que você realiza?”. Meu tema até então era “O corpo da criança *versus* o currículo da escola de tempo integral”, e a princípio não estava preparada a renunciar a ele, que também tanto me interessava. Entretanto, considerei que eu não poderia deixar de refletir e escrever sobre a realização deste projeto de arte, feito durante três anos seguidos dentro da Universidade, marcando minha formação enquanto estudante, Pedagoga e pessoa. Mas a ideia muito me interessou e passamos a discutir sobre suas possibilidades e objetivos. Decidi mudar meu tema de pesquisa e, muito entusiasmada, preparei a realizar da intervenção no dia de abertura da Semana científica do curso de Pedagogia. Passei o final de semana preparando os detalhes da ação. Conversei com os(as) organizadores(as) para explicar os objetivos da proposta, os materiais que seriam utilizados e a provisão de tempo de duração. Obtive a aceitação e autorização da equipe organizadora e iniciei a intervenção.



Figura 7: Reencontros, certezas e sonhos. Fonte: Acervo de Thais Prini

Para fechar meu último ano das intervenções, voltei a utilizar o tema do primeiro ano “Troco doces por sonhos doces”. Preparei os cartazes, as folhas, separei os lápis de cor, giz, canetinhas, a mesa e os pirulitos. Utilizei para esse ano, cerca de cento e cinquenta pirulitos, realizei dois dias de intervenção, segunda-feira das 14h30 às 22h30 para a ação urbana e a quarta-feira para colar os sonhos nas paredes da universidade.

Diferente dos outros anos, nessa intervenção, reparei que as pessoas estavam mais tímidas, apenas observando, não perguntavam o que estava acontecendo, o que era aquilo, por que estava ali, não havia questionamentos, apenas olhares. Foi então que comecei a chamá-los a participar e conhecer o que estava fazendo. Muitos passavam e diziam “não, obrigado”, “estou com pressa”, “desculpe”.

Após um tempo do início da ação urbana, algumas pessoas que haviam participado estavam trazendo amigos para conhecer a proposta e então a informação começou a espalhar-se no “boca a boca”, aumentando o número de participantes interessados. Quando alguns passavam e viam algumas pessoas participando, observavam mais, paravam para saber o que estava acontecendo, instigava-se a curiosidade, diferente de quando não havia ninguém escrevendo sonhos enquanto passavam as pessoas que não olhavam direito.

Selecionei o mesmo prédio que todos os anos anteriores, a diferença deste ano foi que a cantina da universidade fechou, então estudantes e visitantes que vendem comida estavam alocados no mesmo ambiente onde eu estava. Considero que as pessoas não olhavam direito para o que eu estava fazendo, com receio de que eu as chamasse para comprar algo e elas terem

que negar ou prestar a atenção. Por esse motivo recebi propostas para comprarem meus pirulitos, perguntando quanto era e quais sabores eu estava vendendo.

Todos os anos era comum ouvir comentários negativos dos participantes sobre si mesmos, mas nesta última intervenção esse fato se sobressaiu aos anos anteriores. Estava acostumada a ouvir reações animadoras quando terminava de explicar o que eu estava fazendo e meus objetivos, e comentários como “simples assim?”, “que fofo fazer isso!”, “vou pensar em um sonho e já volto”, ou mais angustiadas como “não tenho sonhos”, “isso é muito difícil”, “não lembro de nenhum”, etc. Não sei determinar o que pode ter ocasionado neste ano tal comportamento, tão diferente dos anos seguintes, no qual ouvi muitas vezes, “não sei mais sonhar”, “não consigo pensar em nada que não seja terminar o curso”, “não tenho sonhos, estou apenas existindo”, etc. Foi também o ano que mais ouvi “não estou interessado em comprar nada”, “estou sem dinheiro” ou “não, obrigado” mesmo eu estando parada e não falando nada, apenas acompanhando a pessoa com o olhar, eles já negavam e agradeciam.

4.4. Perspectiva geral das intervenções: pontos semelhantes e pontos distantes

Realizei quatro intervenções em cinco anos como estudante na UFSCar *campus* Sorocaba. Nos dois primeiros anos, recebi ajuda de amigas para confeccionar os cartazes, as lembrancinhas e para me acompanharem durante os dias da ação urbana. Nos dois anos seguintes, realizei as intervenções sozinha.

Ao longo dos quatro anos de performance, pude perceber algumas semelhanças nas atitudes das pessoas que participavam: a diferença nos sonhos das pessoas que participavam no período vespertino e as pessoas que participavam no período noturno.

Um grande número das pessoas do período vespertino sonhava em viajar o mundo, em morar fora do país, ter sua própria empresa, conhecer a Europa inteira fazendo mochilão, ganhar um carro, etc. As pessoas do noturno sonhavam em comprar uma casa para os pais, passar em concurso para ser professor, ter muitos animais de estimação, ajudar seus pais financeiramente, viajar o Brasil inteiro, casar, ter filhos, ser aceito socialmente, contar aos seus pais sua orientação sexual, não sofrer mais discriminação, etc.

Sonhos em comum entre as pessoas que frequentam ambos os períodos eram o de terminar a universidade, ter seu diploma, viajar o mundo e fazer intercâmbio.

Para escrever os sonhos, os participantes recebiam a prancheta com a folha sulfite cortada. Nesses momentos de concentração para escrever seu sonho, muitos participantes saíam

de perto das pessoas ao redor que também estavam participando e de mim, escrevendo muitas vezes encolhidos em um canto distante, com os ombros retraídos, como se estivessem escondendo um tesouro, fazendo com zelo e segredo.

2016 foi o ano em que essa ação de sair de perto das pessoas e do ambiente era mais nítida: as pessoas tentavam esconder ao máximo seus sonhos, com muita vergonha e cuidado para que ninguém soubesse que aquele papel as pertencia, pedindo muitas vezes para enfiar o sonho no meio do montinho dos papéis.

Quando realizei as intervenções em 2014 e 2015, trabalhava como estagiária do LaPed - Laboratório de Pedagogia na UFSCar, então pude ver a reação das pessoas ao observarem seus sonhos no corredor durante o decorrer da tarde e parte do período noturno.

Percebi que as pessoas procuravam seus sonhos no meio de tantos outros, liam, apontavam e chamavam os amigos para lerem também. Pude observar reações sinceras de todos que paravam um minuto do seu dia para olhar um sonho que chamou sua atenção.



Figura 8: Descobrimo sonhos de desconhecidos. Fonte: Acervo pessoal de Thais Prini

Nos anos seguintes, quando não trabalhava mais na universidade, ficava a observar. O primeiro dia era o mais movimentado, quando as pessoas mais paravam para observar. Com o decorrer dos dias, a movimentação foi diminuindo, mas quem parava para observar demorava mais tempo, lendo diversos sonhos, tirando foto, entre outras ações.

Devo admitir que sempre amei cada processo da ação urbana: preparar, realizar, conversar com os desconhecidos...Cada parte é muito apaixonante, cativante e com seu significado. No entanto, observar outras pessoas observarem o resultado do seu trabalho era animador e estimulante. Cada desconhecido que percebia o que estava acontecendo, parava para olhar e lia, me enchia o coração.

Enquanto colava os sonhos, aos poucos, as pessoas já iam parando para ler e eu ouvia “olha, já estão colando!”, “cadê meu sonho?” “como assim o meu não está aqui?” e os colegas que estavam junto respondiam “calma né, devem estar colando ainda, voltamos depois para procurar”.

Apesar de o tema da proposta ter mudado, o objetivo da intervenção era sempre o mesmo: a ação de escrever sonhos. Em cada ano obtive resultados diferentes, características diferentes, com declarações, anseios e desejos diferentes.

Desta forma, as seguintes imagens poderão mostrar um pouco dos sonhos entregues na intervenção neste ano.



Figura 9: Cada sonhos e suas diversas interpretações. Fonte: Acervo pessoal da Thais Prini

Podemos observar na imagem 9, as subjetividades dos autores dos sonhos desejavam transmitir, não há escrita, a interpretação e observação fazem parte da análise desses sonhos. Cada qual somente o autor pode confirmar sua veracidade, quanto a nós, espectadores, ficamos inquietos e hipóteses, diante dos sonhos.



Figura 10: Sonhos e ideais . Fonte: Acervo de Thais Prini

Ao observarmos a figura 10, percebo os autores dos sonhos preocupados em explicar seus sonhos, trazendo o que eles idealizaram, as imagens que eles associam e sua escrita, podendo desenhar e criando sua própria interpretação do que eles idealizaram.



Figura 11 : Sonhos se tornam realidade. Fonte: Acerto de Thais Prini.

O sonho em encerrar o ensino superior, finalizando o TCC e as matérias que faltam. Se possível, não pegar nenhuma dependência que possa prolongar (ainda mais) sua estadia na universidade. Muitas pessoas de diferentes cursos, com um sonho em comum.

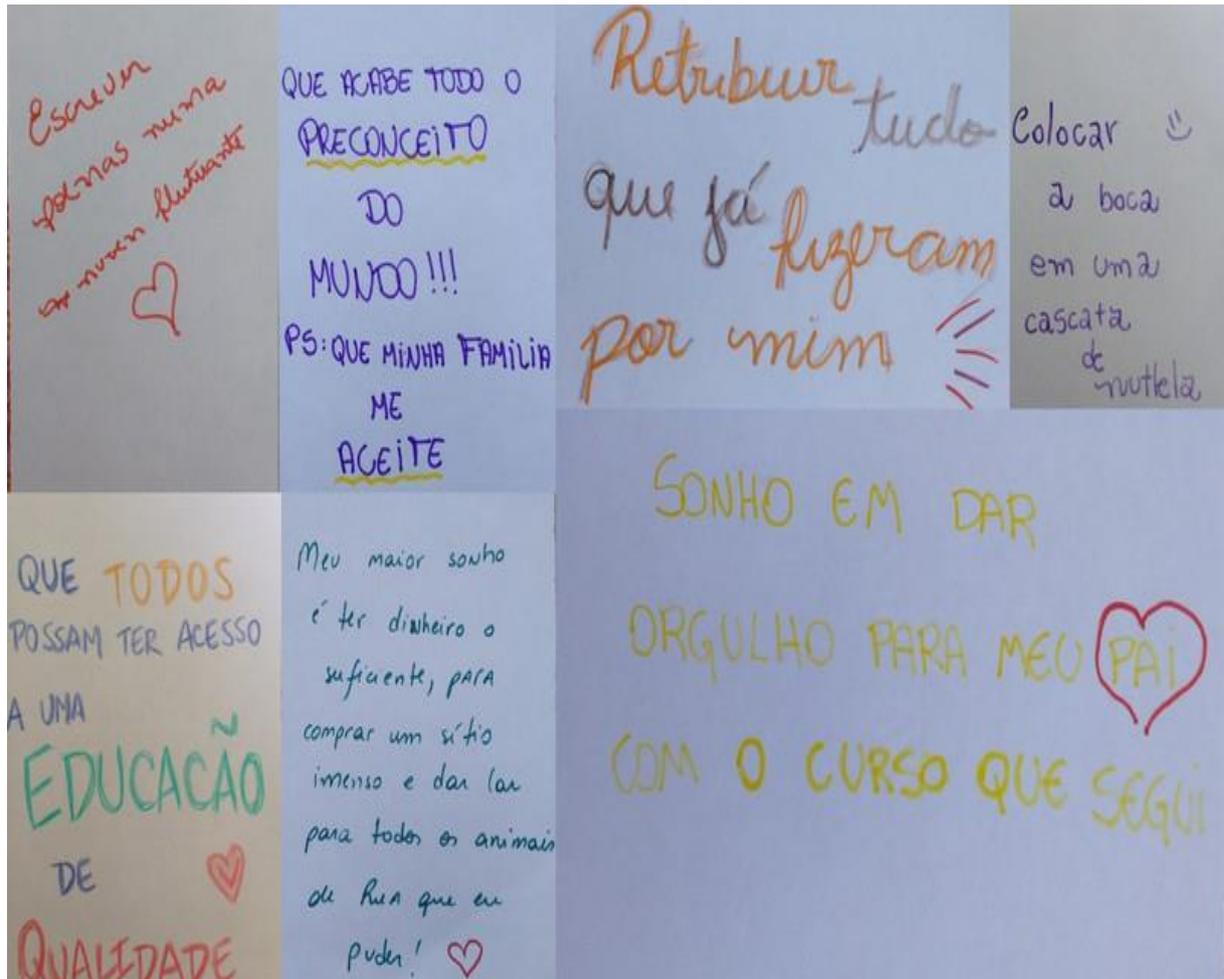


Figura 12 : Novos e velhos sonhos. Fonte: Acerto de Thais Prini

Sonhos de diferentes tipos, diferentes objetivos, diferentes inspirações, porém, todos são sonhos. Cada autor com sua subjetividade, com seus porquês, inspirando sua caminhada e seus ideais. Liberdade para expressar, espaço para compartilhar, vontades, inquietações, inspirações, idealizações, questionando e expondo para todos, sem se expor ao realizá-lo.

A pedagogia tradicional – a qual Paulo Freire (1970) chamou de “educação bancária” – vê o conhecimento como algo pronto no meio social e sem a possibilidade de ser transformado pelas ações das pessoas. A forma transmissiva tem sido hegemônica na escola, tendo a ideia de aprendizagem como sendo uma transferência de informações.

Entretanto, Paulo Freire (1996, p. 23) afirmou que não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. É desta forma, que a performance, ao longo dos anos, me ajudou a compreender e conhecer melhor as outras pessoas, em suas subjetividades: conhecê-las através de seus sonhos, que são motivações. Foi uma forma física, prática, em ação, de compreender o

ensinamento de Paulo Freire de que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

A metodologia de pesquisa da prática artística (pesquisa *em* ou *através* das artes) possibilitou me colocar em situação, em interação com muitas pessoas por meio da arte e assim, instigar a minha curiosidade e a curiosidade das pessoas participantes, minha reflexão crítica e a criticidade dos sujeitos envolvidos, podendo assim pausar a correria do dia-a-dia, os movimentos mecanizados e se olhar, compreendendo melhor sua própria situação.

A criança não chega à creche ou à pré-escola sem saberes e conhecimentos. Descobri com esta pesquisa da prática artística que preciso escutar/olhar para as crianças com abertura para compreendê-las e conhecê-las sem o peso das minhas próprias expectativas, buscando por suas subjetividades, suas curiosidades, seus sonhos. A arte da performance me possibilitou aprender como docente da Educação Infantil, que devo planejar as ações, partindo de ideias, materiais, fazendo provocações estéticas que instiguem a curiosidade das crianças, para que elas tenham terreno fértil para recriar. Assim, será possível construir juntas um conhecimento que envolva a transformação e desconstrução de visões e padrões engessados da prática pedagógica, buscando a criatividade e a criticidade no processo.

Como estagiária da Educação Infantil, estou em constante contato com as crianças e preciso a todo o momento rever minha prática docente, pois, ao estar no sistema educacional tradicional, sou constantemente exigida a reproduzir seus métodos de ensino, desconsiderando tudo o que acredito, tudo o que construí e aprendi ao longo dos cinco anos de graduação no curso de Licenciatura e que este TCC vem enriquecer. A possibilidade de ter a arte da performance me auxiliando ao longo desse processo foi para mim como minha “chave mestra”.

Chave mestra, pois, através dela descobri que posso explorar, pesquisar e recriar minhas atitudes em sala de aula na creche e na pré-escola. Isto porque a arte da performance me ensinou como professora de Educação Infantil a ter atitude de escuta, a conversar, dar atenção, considerar e saber observar os corpos e suas necessidades: corpos enquanto sujeitos de ação e produção do conhecimento.

Desta forma, por mais que haja objetivos pedagógicos a serem alcançados, após a realização da pesquisa da prática artística, percebi que o modo pelo que irei trabalhar os objetivos com as crianças será o que vai diferenciar as práticas, as relações, gerar bem-estar e ambiente de exploração, de alegria, de compartilhamento. O professor performer, segundo Grotowski (2015) busca ser mediador, semelhante a uma ponte, onde ele possibilita as condições para o questionamento crítico sobre os objetivos a serem alcançados. Não é por ser

comparada a uma ponte que o caminho está traçado. A criança pode buscar junto com a professora construir a caminhada, passo a passo.

Considero hoje, não conseguir me distanciar da arte da performance e a formação como professora de crianças. Em diversas ocasiões em campo, a performance me possibilitou trabalhar dimensões que antes ficavam como segundo plano na formação, como por exemplo, quando pude criar uma história paralela sobre determinado problema trazido por uma pessoa e, em vez de objetivá-lo de modo generalizado, pude criar tempo – um novo momento na prática – para sua discussão e compreensão. A pausa, a calma, o respiro passaram a ser considerado permitido na minha prática. Esses exemplos, originalmente vividos durante as performances, serão posteriormente levados para a sala de aula com as crianças.

Desta forma, vejo que o(a) professor(a) performer contradiz o sistema educacional tradicional ao se preocupar e buscar compreender as crianças em suas delicadezas (sendo o sonho uma delas), considerando e planejando, junto a elas, uma educação democrática, sensível, emancipatória, crítica, de forma a aprofundar os conhecimentos, sendo eles também as inquietações das próprias crianças.

Ao retomar uma consideração trazida por Fornaciari (2010) sobre a ideia de que o performer é um virtuoso, cujo preparo corporal é cultivado à semelhança do ator ou acrobata, e que reperformadores(as) – e as próprias reperformances – estariam no território da cópia, do simulacro, saindo de um plano caracterizado pela singularidade, foi possível observar, enquanto uma profissional da Educação Infantil em processo de formação, que se colocar em posição lúdica e artística na arte da performance aproxima a professora da atitude brincante de reinvenção da criança pequena, que é capaz de recriar jogos, brincadeiras, deslocar as propostas iniciais que lhe são feitas e modificar regras, materiais e outros elementos, de acordo com seu contexto e seu repertório.

Transformação é uma palavra muito usada por Paulo Freire e, acredito, é um dos objetivos da Educação Infantil seja a construção de práticas pedagógicas brincantes e artísticas que se oponham às práticas tradicionais de ensino, transformando a educação em processo mais humanizador.

A metodologia de pesquisa da prática artística usada neste TCC não aconteceu desvinculada das propostas de Corpo e Movimento experienciadas ao longo do curso de Pedagogia. Como ressalta Geraldi (2011) a educação somática (métodos como o Feldenkrais, a Eutonia, a Técnica de Alexander e o Body-Mind Centering, dentre outros que conheci ao cursar a disciplina “Educação, Corpo e Movimento” no curso), tem como um de seus princípios “considerar o ser humano de acordo com uma perspectiva integral; corpo e mente constituem

um organismo indissociável, formando um conjunto integrado... Contestando a noção mais difundida que concebe o ato de pensar como uma atividade separada do corpo” (GERALDI, 2011, p. 99).

Então, assim como nas abordagens somáticas, nas quais a experiência do corpo torna-se referência de base para os processos de percepção (GERALDI, 2011), a pesquisa pela prática artística propiciou uma ampliação da percepção de mim mesma, das outras pessoas e do contexto de formação de professoras(es) de Educação Infantil por meio de um refinamento da perspectiva de ser humano que eu tinha. O conceito que se tem de pessoa, de docente, de criança e de Educação se modifica quando deixamos de enfatizar a reprodução de conteúdos – chamada por Paulo Freire (1970) de “educação bancária” – e passamos a valorizar as poéticas dos encontros, o aspecto sensível do “estar presente”.

Praticar a arte da performance me ensinou a repensar meus modos de ver e vivenciar o mundo, a (des)aprender hábitos de pressa, valorizar a importância de estar presente com as crianças e vivenciar as práticas pedagógicas com elas valorizando a dimensão estética e criativa.

5. Considerações Finais.

O objetivo principal da pesquisa foi compreender quais contribuições a arte contemporânea, especialmente a arte da performance, pode ter para a formação de professores(as) da Educação Infantil. Posso concluir que a performance não se limita em somente um espaço, não há uma única área em que ela possa contribuir e atuar. Professores(as) também podem se beneficiar em sua formação a partir desta proposta, notadamente no que diz respeito a refletir sobre a mediação cultural que fazemos cotidianamente com as crianças. Performar causa um estranhamento, um questionamento de aspectos pedagógicos tidos como verdades - até então imutáveis -, gerando reflexões sobre outras possibilidades de professores(as) se relacionarem com as crianças, de forma mais respeitosa e democrática.

O(A) professor(a), ao adotar o(a) artista como inspiração, deixa de exercer seu papel historicamente construído de maneira unilateral e autoritária, para agir de forma a favorecer as muitas formas pelas quais podem acontecer os aprendizados. Aprendi a planejar ações, sugerir temas, gerar questões e, em seguida, a escutar melhor as outras pessoas a respeito do que foi proposto, permitindo também que elas mudem o que eu propus. Aprendi a permitir que as crianças tragam seus temas e eu saiba acolhê-los. Aprendi a incitar a curiosidade e a investigação das crianças sobre diversos assuntos.

Professor(a) e crianças devem trabalhar em sintonia, pois, segundo Freire (1996), um depende do outro para que haja efetivamente a prática de ensino. Essa relação não deve ser vista como alguém superior ao outro, mas sim como parceiros(as), onde um estimula o desenvolvimento do outro, com indagações, questionamentos, pesquisas e debates.

A realização das reperformances inspiradas em Ana Teixeira contribuiu para minha formação como pedagoga e como cidadã. Através das ações urbanas, realizadas no espaço público da universidade, pude ouvir mais sobre as outras pessoas, compreendendo assim seus anseios, sonhos e idealizações. Construindo mais empatia por desconhecidos e conhecidos, o que me agrega como professora, pois, saber ouvir, buscar conhecer os sonhos das crianças, inquietações e inspirações em suas falas, deve ser uma das minhas principais funções, para que as práticas em sala de aula tenham significado e sentido em suas vidas. Com esse trabalho, também reivindicamos a construção de uma educação humanizadora que não retire das pessoas o direito de sonhar.

A metodologia da pesquisa da prática artística foi muito instigante para contestar as noções de que educação se faz como um ato de pensar como algo separado do corpo, dos fazeres, das interações. Revelou que se colocar em situação artística na performance, enquanto

docente em formação, ensina a escutar as outras pessoas, a ser sensível a muitos contextos, a recuperar o próprio corpo brincante e se preparar melhor para atuar junto às crianças nas creches e pré-escolas.

Por ocasião da defesa desta pesquisa, a avaliadora titular Dr^a Tania Boy elogiou a escolha do tema e mencionou que todas as pessoas precisam de arte, que somos rodeados(as) pelas artes, mas que a sociedade tenta nos destruir e tirar a arte como opção de vida. Assim, afirmou que manter a arte viva no cotidiano escolar é um desafio enorme porque há muitos fatores que recusam a arte como elemento provocador de reflexão. A arte é provocativa sempre a respeito dos desvios e dos adocimentos a que nos submetemos, muitas vezes sem perceber. Dr^a. Tania elogiou a escolha de Paulo Freire para fundamentar a pesquisa, tanto por valorizarmos um educador que viveu a realidade e a Educação do nosso país, como porque ele valorizou as artes no processo de constituição humana.

Agradecemos e ressaltamos este comentário da avaliadora para encerrar as Considerações, reafirmando que acreditamos que a dimensão estética e sensível das artes não deva ser apartada da prática educativa com as crianças, a fim de que possamos construir uma educação humanizadora. As artes enquanto interlocutoras de formação criam frestas nas relações, que permitem às pessoas pausarem as atitudes automatizadas e verem alternativas ao vivido. Como afirmou Paulo Freire em entrevista à Arte/Educadora e teatróloga Joana Lopes: “A arte tem que participar da escola como ela mesma, como fim. Ela pode até ser meio, mas ela tem que ser respeitada como atividade-fim. A arte tem que ter um lugar de respeito na escola.” (FREIRE, 1990, s/n).

6. Referências Bibliográficas.

BRASIL. Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf Acesso em: 10.jan.2016.

CIOTTI, Naira; FAGUNDES, Felipe Cabral de Araújo; BEZERRA, André Luiz Rodrigues. **Pedagogias da performance**. Rio Grande do Norte. UFRN / Departamento de Artes. 08 p. Bolsista REUNI do projeto de pesquisa Pedagogias da Performance.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. 1 ed. São Paulo - SP: Editora Perspectiva, 2002. 176 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/82649/mod_resource/content/1/COHEN%20Renato%20-%20Performance%20como%20linguagem.pdf. Acesso em: 24 Jun 2017

FABIÃO, Eleonora. **Programa performativo: o corpo-em-experiência**. Revista do LUME, Campinas-SP, v.00, n. 4, p. 01-11,dez. 2013. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/276>Acesso em: 3 Jun 2017

FERNANDES, Ciane. **Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística**. DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 18–36, 2014. DOI: 10.9771/2317-3777dança.v2i2.9752. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/9752>. Acesso em: 30 dez. 2023.

FORNACIARI, Christina Gontijo. **Fazer o novo fazer de novo? Marina Abramovic e a performance para além do documento**. In: Anais do VI Congresso de pesquisa e pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE), v. 11 n. 1, 2010, São Paulo. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3362> Acesso em: 05 dez. 2015.

FREIRE, Paulo. **Conversando com Paulo Freire sobre Arte e Educação aos 21 anos da Pedagogia do Oprimido**. Paulo Freire entrevistado por Joana Lopes, no Departamento de Artes Corporais da UNICAMP, Campinas, Brasil, 1990. Disponível: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1882> Acesso em: 29 Mar 2017

FREIRE, Paulo. HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando** – conversas sobre educação e mudança social. São Paulo: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação** – cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GALVANI, Vanessa Marques. **Uma nova lente para o professor: potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas**. 2016. 168 f. Dissertação (Educação, Arte

e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <<http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/14697>>. Acesso 24 de Nov. 2017

GIORDANO, Davi. “**Entrevista com Ana Teixeira**”. eRevista Performatus, Inhumas, ano 4, n. 15, jan. 2016. ISSN: 2316-8102 Acesso em: <https://performatus.com.br/entrevistas/entrevista-com-ana-teixeira/>

GIORDANO, Davi. **Ações de rua como a busca pelo encontro, pela subjetividade e pelos afetos. Os artistas em contato com a sensível humanidade dos transeuntes**. Revista Observatório da Diversidade Cultural, Volume 01, nº 01, 2014, p. 41-49. Disponível em: <https://www.anateixeira.com/textos/> Acesso em: 13.abril.2016.

GROTOWSKI, Jerzy. **Performer**. In: eRevista Performatus, Inhumas, v. 3, n. 14, p. 1-7, jul. 2015. Disponível em: http://performatus.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Jerzy-Grotowski_ed14_eRevistaPerformatus.pdf. Acesso em: 12 Fev 2017

HAPPENING . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3647/happening>>. Acesso em: 15 de Abr. 2017. Verbetes da Enciclopédia.

INTERVENÇÃO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>>. Acesso em: 12 de Nov. 2017. Verbetes da Enciclopédia.

LIMA, Mateus Vieira Villela de. **Intervenção Urbana: arte e resistência no espaço público**. Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Escola de Comunicações e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. 2013. Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/?q=tcc_celacc/intervencao-urbana-arte-resistencia-espaco-publico>. Acesso em: 22 de Nov. 2017.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. **Teatro no curso de Pedagogia: concepções e mediação cultural**. Revista Teatro: criação e construção de conhecimento, vol. 5 nº. 2, 2017, p. 33-44. ISSN: 2357-710X Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/issue/view/116> Acesso em: 12.nov.2017.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos; NAKADAKI, Vitória Evelin Pignatari; PEDROSO, Bruno Rodrigues (orgs.) Anais [recurso eletrônico] da 9ª Semana de Pedagogia UFSCar Sorocaba, do 5º Seminário de Pesquisa e 4º Encontro de Egressos do PPGED-So. **Tema: Educação não-tradicional**. De 02 a 06 de outubro de 2017. Sorocaba, SP: UFSCar, 2017. ISSN 2178-7247. Disponível em: <https://www.ppged.ufscar.br/pt-br/arquivos-1/anais-semana-da-pedagogia/anais-ix-semana-da-pedagogia-de-2017.pdf/view> Acesso em: 07 Dec 2017

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia de Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARTINS, Marcos Francisco; GATTI, Marcio; GIACON, Camila (orgs.) Anais da VII Semana de Pedagogia e do III Seminário de Pesquisa do PPGE (Programa de Mestrado em Educação) [recurso eletrônico] / 29 de setembro a 02 de outubro de 2015. Tema: Educação não formal e movimentos sociais. ISSN: 2178-7247 Disponível em: <https://viiiisemanadapedagogiaufscar.wordpress.com/anais-do-evento/> Acesso em: 16.agosto.2017.

PERFORMANCE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3646/performance>>. Acesso em: 29 de Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia.

RACHEL, Denise Pereira. **Adote o artista não deixe ele virar professor:** reflexões em torno do híbrido professor performer. Dissertação (Mestrado em Artes) Instituto de Artes da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), São Paulo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/05a3e2ac-00ad-44c6-8404-a633740c89fc/content> Acesso em: 07 Maio 2017

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em Artes Visuais.** In: Brites, Blanca e Tessler, Elida (orgs.) O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4.), p. 125-140. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206797> Acesso em: 17. janeiro.2017.

RIBEIRO, Solange Lucas. **Espaço escolar:** um elemento (in)visível no currículo. Sitientibus, Feira de Santana, v. 31, p. 103-118, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/7929>. Acesso em: 13.nov.2016.

SANTOS, Maria Walburga dos(org.). Anais [recurso eletrônico] da 8ª Semana de Pedagogia realizada em Sorocaba, 2016. Tema: Direito de ser criança: diferentes olhares na educação infantil. ISSN: 2178-7247 Disponível em: <https://viiiisemanadapedagogiaufscar.wordpress.com/anais-do-evento/> Acesso em: 16.agosto.2017.

APÊNDICE A. Modelo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, (nome) _____ autorizo a utilização das minhas imagens nas fotos de Thais Helena Prini para a realização do seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema das relações da arte da performance com a formação de professores(as) de Educação Infantil, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, orientado pela Prof^a. Dr^a. Lucia Lombardi.

Estou consciente de que as fotos poderão ser usadas como elementos de análise da pesquisa e foi acordado que poderá ser revelado meu nome.

Sorocaba, _____ de _____ de 2017.

Assinatura